

Relógio d'Água
Editores
Lda.

Largo do Picadeiro, 10 - 2º
1200 Lisboa — Telef. 32 38 29

© R. Piper & Co. Verlag, 1961

Título: Trinta Anos
Título original: Das dreißigste Jahr
Autora: Ingeborg Bachmann
Tradutora: Leonor Sá
Capa: Augusto T. Dias

© Relógio D'Água e tradutora para esta edição

Fotocomposição e Fitolito: Canal Gráfico, Lda.
Impressão: Arco-Iris, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal N.º 21200/88

INGEBORG BACHMANN

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE

839
B12dp

Trinta anos.



21300087560

TRINTA ANOS

Tradução de Leonor Sá

TOMBO. : 85635



SBD-FFLCH UN

Ficções

Até que me venha a verdade sobre a relva e a chuva e por sobre nós.

Um mudo entender que nos leva a gritar e a bradar sobre todas as verdades.

Uma verdade com a qual ninguém sonha, que ninguém quer.

O ADEUS DE ONDINA

Seres humanos! Monstros!

Seus monstros chamados Hans (1)! Esse nome que nunca conseguirei esquecer!

Sempre que passava pela clareira e os ramos se entrebriam, que os vimes flexíveis me açoitavam e sacudiam a água dos braços, que as folhas me lambiam as gotas dos cabelos, dava de cara com alguém chamado Hans.

Sim, já compreendi a lógica: Tem de haver sempre alguém que se chame Hans, todos vocês se chamam Hans, uns após os outros, e no entanto — só há um. É sempre só um com este nome que não consigo esquecer, mesmo que vos esqueça a todos, vos esqueça tão totalmente como totalmente vos amei. E mesmo quando os vossos beijos e a vossa semente já tiverem sido lavados e levados por muitas águas — chuvas, rios, mares — o nome permanecerá ainda, reproduzindo-se debaixo da água, pois que não consigo parar de o chamar: Hans, Hans...

(1) «Hans» é o nome que o escritor romântico alemão Friedrich de la Motte Fouqué (1777-1843) deu à personagem masculina do seu conto fantástico intitulado *UNDINE* (1811).

Seus monstros de mãos sólidas e inquietas, de unhas pálidas e curtas, unhas rombas e de contornos enegrecidos, de punhos brancos à volta dos pulsos, de *pullovers* desfiados, de uniformes fatos cinzentos, de casacos de cabedal grosseiro e camisas de Verão soltas à volta do corpo! Desta vez vou ser muito precisa, seus monstros, vou envergonhar-vos e tornar-vos desprezíveis, pois que não mais voltarei, não mais seguirei os vossos acenos, não aceitarei mais nenhum convite para tomar um copo, para fazer uma viagem, para uma ida ao teatro. Não voltarei nunca mais, não mais vos direi Sim, nem Tu, nem Sim. Acabar-se-ão todas essas palavras, e talvez vos conte porquê. Pois vocês já sabem todas as perguntas, e todas elas começam com: «Porquê?» Não há perguntas na minha vida. Eu amo a água, a sua espessa transparência, o verde da água e as suas criaturas sem linguagem (e em breve serei tão muda como elas!), o meu cabelo por entre elas, nela, a água justiceira, no espelho indiferente que me impede de vos ver de maneira diferente. A fronteira húmida entre mim e mim...

Não tive crianças vossas porque não sabia o que eram perguntas, exigências, cautelas, designios, futuro, nem como seria possível alguém instalar-se na vida de outrém. Não precisava de sustento, nem de apoio, nem de segurança, só ar, ar da noite, brisa marítima, ar limite, para poder respirar e renovar o fôlego para novas palavras, novos beijos, para uma eterna confissão: sim. Sim. Depois de o ter confessado, estava condenada a amar; se algum dia eu me libertasse do amor, teria de voltar para a água, esse elemento onde ninguém constrói um ninho, ninguém coloca um telhado sobre vigas, ninguém se cobre com um oleado. Não se está em parte nenhuma, não se permanece em parte alguma. Mergulhar, descansar, movimentar-se sem esforço — e um dia reflectir, sair da água de novo, passar por uma clareira e vê-lo, a ELE, e dizer: «Hans».

Começar pelo princípio.

«Boa noite.»
 «Boa noite.»
 «É muito longe, para chegar até ti?»
 «Longe, muito longe.»
 «E longe é para chegar até mim.»

Repetir sempre o mesmo erro, aquele que mais nos marcou. E de que vale então ser-se lavado por todas as águas, pelas águas do Danúbio e do Reno, do Tigre e do Nilo, águas claras dos mares gelados, ondas de tinta do mar alto, pântanos enfeitados? Irascíveis, as mulheres dos homens afiam as suas línguas e lançam chispas pelos olhos; doces, as mulheres dos homens deixam correr algumas lágrimas silenciosas que também surtem o seu efeito. Mas os homens não dizem palavra. Com um gesto fiel passam com a mão pelos cabelos das mulheres, dos filhos, abrem o jornal, verificam umas facturas, põem o rádio muito alto e, mesmo assim, ainda consegue ouvir nos búzios o barulho do mar, a fanfarras do vento e, mais tarde, quando as luzes das casas já estão apagadas, levantam-se em segredo, abrem a porta, vão em bicos de pés pelo corredor, pelo jardim, descem as avenidas, e finalmente ouvem-no com toda a nitidez: o lamento de dor, o chamamento longínquo, a música espectral. Vem! Vem! Por uma vez, vem!

Seus monstros, com as vossas mulheres!

Não foste tu que disseste: Isto é um inferno, e nunca ninguém há-de entender porque razão não a abandono. E não foste tu que disseste também: Sim, a minha mulher é uma pessoa maravilhosa, precisa de mim, não saberia viver sem mim? Não o disseste? E não te riste e não disseste, cheio de petulância: O que é preciso é não levar estas coisas muito a sério, nunca se podem levar coisas como estas demasiado a sério. Não disseste: As coisas são assim mesmo,

hãode continuar a ser sempre assim e o resto não interessa? Seus monstros, como se a vossa maneira de falar não bastasse, ainda precisam de recorrer às expressões que as mulheres usam, para que não vos falte nada, para que o mundo continue redondo. Vocês, que fazem das mulheres vossas amantes e vossas esposas, mulheres para um dia, mulheres para uma semana, mulheres para uma vida inteira e acabam por se tornar seus maridos. (Talvez valha a pena acordar para ver isso!). Vocês, com os vossos ciúmes, a vossa orgulhosa condescendência e a vossa tirania, a vossa busca de protecção junto das vossas mulheres, com o vosso dinheiro para administrar a casa e as vossas conversas à noite, antes de dormir, esses pequenos fortalecimentos, esse gosto de ter razão contra o exterior, com os vossos sábios abraços que metem dó, os vossos distraídos abraços que metem dó... Uma coisa que sempre me espantou, foi que vocês dessem dinheiro às vossas mulheres para as compras, para vestidos e para as férias; assim estão a convidá-la (convidar-pagar, entenda-se). Vocês compram e deixam-se comprar. Não posso deixar de rir e pasmar por vossa causa, Hans, Hans, por vossa causa estudantezinhos e bravos trabalhadores que tomam mulheres para em conjunto trabalharem, e então cada um segue um curso na sua faculdade, ou vai subindo de posto na fábrica, e esforçam-se, juntam dinheiro na expectativa do futuro. Sim, é para isso que vocês as tomam para vossas mulheres, para fortalecer o futuro, para que elas tenham crianças, e nessa altura tornam-se mansos, quando elas se passeiam de um lado para o outro, receosas e felizes, com as crianças no ventre. Ou proibem as mulheres de ter crianças porque não querem incómodos e, com a vossa juventude economizada, correm a toda a velocidade em direcção à velhice. Ah, isso é que valia a pena acordar para ver! Vocês enganam — e são enganados. Não tentem isso comigo. Comigo não!

Vocês com as vossas musas, as vossas bestas de carga e as vossas companheiras cultas e inteligentes, a quem se dignam conceder a palavra!... O meu riso movimentou as

águas por muito tempo, um riso rumorejante que, assustados na noite, vocês às vezes tentaram imitar. Porque vocês sempre souberam que eram risíveis e assustadores, que se bastavam muito bem a si próprios e que nunca tinham estado de acordo. Por isso melhor seria não se levantarem de noite, não descerem o corredor, não irem em bicos de pés pelo pátio, nem pelo jardim, pois que isso é admitirem que, mais do que por tudo o resto, se deixam seduzir por um lamento de dor, pelo seu tom, pela sua atracção, e que têm a nostalgia da grande traição. Nunca estiveram de acordo consigo próprios. Nem com as vossas casas, nem com nada do que estava estabelecido. Por cada telha que voasse, por cada malogro que se anunciasse, sentiam uma secreta alegria. Gostavam de brincar com a ideia de um fiasco, de uma fuga, de uma vergonha, de uma solidão que vos viessem enfim salvar da ordem estabelecida. Sorria-vos demasiado, essa ideia. E quando eu chegava, quando uma aragem de vento me anunciava, levantavam-se de um salto porque se aproximava a hora da vergonha, do repúdio, da ruína, do incompreensível, e vocês sabiam-no. O meu chamamento representava o fim. O fim de tudo. Seus monstros, por isso mesmo é que vos amei, porque vocês sabiam o que significava o meu chamamento e davam-me ouvidos, nunca estavam de acordo consigo próprios. E eu, quando é que alguma vez estive de acordo? Só quando vocês estavam sós, completamente sós, e quando os vossos pensamentos não se fixavam em nada de útil, em nada de utilizável, quando o candeeiro iluminava a divisão e se via surgir a clareira; quando vocês para ali estavam, no ar húmido e fumarento, perdidos, perdidos para sempre, perdidos pelo vosso próprio entendimento — então era chegada a minha hora. Podia entrar com aquele olhar que vos exigia: Pensa! Sê! Diz o que tens a dizer! Nunca vos compreendi, a vocês, que se sabiam compreendidos por tanta gente. Disse-vos: Não te compreendo, não compreendo, não posso compreender! Durante longos e maravilhosos momentos não eram compreendidos e vocês próprios também já não compreendiam

as razões disto e daquilo: de fronteiras e política e jornais e bancos e bolsa e comércio e tudo o resto.

Eu compreendia a vossa subtil política; as vossas ideias, o vosso modo de pensar, as vossas opiniões, essas compreendia muito bem, talvez até bem demais. Por isso mesmo é que não podia compreender. Compreendia tão bem as vossas deliberações, as vossas ameaças, os vossos argumentos, as vossas esquivas, que estas se tornavam incompreensíveis. E era afinal isso mesmo que vos movia, a impossibilidade de as compreender. Pois essa era a grande ideia oculta que vocês tinham realmente do mundo, e fi-la sair das vossas mentes por encantamento, essa vossa ideia tão pouco prática onde o tempo e a morte surgiam, se incendiavam e reduziam tudo a cinzas, a ordem coberta de crimes, a noite, esbanjada a dormir. As vossas mulheres, doentes só com a vossa presença, as vossas crianças, por vocês condenadas ao futuro, essas não vos ensinaram a morte, só vo-la foram apresentando aos poucos. Mas eu ensinei-vo-la com um só olhar, quando tudo se tornou perfeito, claro e delirante — disse-vos: A Morte está aí. E: Chegou a hora. E ao mesmo tempo: Vai-te, morte! E: Suspende-te, tempo. Foi isto que vos disse. E tu, meu amado, falaste com uma voz mais lenta e o que disseste era inteiramente verdade; salvo, livre de tudo o que se encontrava de permeio, deixaste surgir o teu espírito triste, grande e triste como o de todos os homens, sem uma utilização definida. E porque não tenho uma utilização definida e porque vocês julgavam não a ter, tudo estava bem entre nós. Amávamo-nos. Pertenciamos ao mesmo espírito.

Conheci um homem chamado Hans que era diferente de todos os outros. Conheci ainda outro que também era diferente de todos os outros. Depois mais um que era diferente de todos os outros e se chamava Hans e que eu amei. Encontrei-o na clareira e assim nos afastámos, sem direcção;

andámos nas margens do Danúbio, na roda gigante, na Floresta Negra, debaixo dos plátanos, nas grandes avenidas e juntos bebemos Pernod. Eu amáva-o. Estávamos numa estação do Norte e o comboio partia antes da meia-noite. Não acenei; fiz um sinal com a mão que queria dizer fim. Um fim que não tinha fim. E nunca chegaria ao fim. Pode-se fazer este sinal à vontade. Não é um sinal triste, não enlutece as estações nem as estradas; fá-lo menos do que acenar enganador, com o qual tanta coisa acaba. Vai-te, morte, e sustem-te, tempo. Não usar encantamentos, lágrimas, entrelaçar de mãos, juras, rogos. Nada disso. Eis o mandamento: confiar que os olhos bastarão aos olhos, que bastará um pouco de verde, que a coisa mais simples do mundo será bastante. Obedecer a esta lei e não ao sentimento. Obedecer à solidão. Nessa solidão na qual ninguém me segue.

Será que és capaz de entender? Nunca partilharei a tua solidão porque tenho a minha. Tenho-a há muito, e tê-la-ei por muito tempo ainda. Não fui feita para partilhar as vossas preocupações. Essas preocupações nunca! Como poderia dar-lhes valor sem trair a minha lei? Como poderia alguma vez acreditar na importância dos vossos dilemas. Como acreditar-vos, se vos acredito realmente, se acredito totalmente, sem reservas, que vocês são mais do que as vossas vãs palavras sem força, as vossas acções mesquinhas, as vossas tolas desconfianças. Sempre acreditei que eram mais: cavaleiros, ídolos não longe de uma alma, dignos de nomes de reis. Falaste verdade quando disseste que já nada de novo te ocorria para a vida, mas só nesse momento. Depois todas as águas galgaram as margens, os rios transbordaram, os nenúfares floriram às centenas para logo a seguir morrerem, submersos, e o mar era um poderoso suspiro, onda após onda, corria e rolava contra a terra, até os seus lábios escorrerem de tanta espuma branca.

Traidores! Quando já não sabiam a que haviam de recorrer, cobriam-me de invectivas. De repente lembraram-se

de que havia algo de suspeito em mim, águas e véus e o que em mim se não deixava fixar nem identificar. De repente tornava-me um perigo que vocês ainda tinham conseguido reconhecer a tempo, e num piscar de olhos tornei-me maldita perante o vosso arrependimento. Arrependeram-se nos bancos das igrejas, diante das vossas mulheres, dos vossos filhos, da vossa opinião pública. Como vocês se mostraram corajosos, perante as vossas instâncias superiores, para me renegarem e consolidarem tudo o que em vocês se tinha tornado inseguro! Sentiram-se em segurança. Rapidamente ergueram altares e sacrificaram-me. Soube-vos bem o meu sangue? Soube-vos um pouco ao sangue da cerva? Ao sangue da baleia branca? A sua nudez?

Tanto melhor para vocês! É sinal de que são muito amados e que muito vos é perdoado. Mas não se esqueçam de que foram vocês que me chamaram ao mundo, que sonharam comigo, a outra, o outro vindo do vosso espírito e não da vossa aparência, a desconhecida que surge de pés molhados, carpindo, nos vossos casamentos, sob cujo beijo vocês tanto temem como desejam a morte, mas não chegam a morrer: no caos, em arremessos de paixão, numa razão superior.

Por que haveria de me calar? Por que não havia de vos mostrar desprezíveis, antes de me ir?

Porque já me vou.

Voltei a ver-vos mais uma vez e ouvi-vos falar uma língua que não deveriam nunca falar comigo. A minha memória não é humana. Nela ficaram gravadas todas as traições, todas as baixezas. Voltei a ver-vos nos mesmos lugares; encontrei lugares profanados onde outrora tinham existido lugares cheios de luz. Que foi que fizeram! Fiquei calada, não disse palavra. Vocês que respondam a vocês. Deitei uma mão-cheia de água por sobre estes lugares para que pudessem enverdecer como túmulos. Para que no final possam manter-se cheios de luz.

Mas não me posso ir assim. Vou falar também nas coisas boas, para que as coisas não se rompam deste modo. Para que nada se rompa.

Boas foram apesar de tudo as vossas palavras, o vosso errar por aí, o vosso fervor, a vossa renúncia a uma verdade inteira para que ao menos fosse dita a meia verdade, para que a luz incidisse sobre aquela metade do mundo que vocês, com o vosso fervor, ainda conseguiam distinguir. Tão corajosos que vocês foram e corajosos contra os outros — e claro que cobardes também, e muitas vezes corajosos para não parecerem cobardes. Quando uma discussão ameaçava deteriorar-se, vocês continuavam a discutir e a teimar no vosso argumento, mesmo sabendo que não ganhariam nada com isso. Bateram-se a favor da propriedade e contra a propriedade, pela não-violência e pelo rearmamento, pelo moderno e pelo tradicional, pelos rios e pela sua regulamentação, pelos juramentos e contra os juramentos. E apesar de saberem que apenas se estão a rebelar contra os vossos silêncios, continuam. Talvez isso seja digno de elogio.

Elogiemos a delicadeza nos vossos corpos pesadões. Algo de delicado e terno surge quando vocês se prestam a uma vontade, quando fazem alguma meiguice. Muito mais terno do que toda a ternura das vossas mulheres é a vossa ternura, quando dão a vossa palavra, ou se prestam a escutar alguém e o compreendem. Por muito pesados que sejam os vossos corpos, vocês tornam-se leves; uma tristeza vossa, um sorriso vosso podem causar um tal efeito, que mesmo ums suspeita infundada dos vossos amigos acaba por cair por terra, pelo menos durante alguns momentos.

Elogiemos as vossas mãos, capazes de pegar em objectos frágeis, de os saber conservar sem os estragar, capazes de carregar com fardos e limpar um caminho afastando os obstáculos pesados. E que tratam o corpo dos homens e dos animais e cuidadosamente conseguem afastar uma dor do mundo. Coisas assim limitadas vos saiem das mãos, algumas boas, que um dia hão-de interceder por vocês.

Também são dignos de admiração quando se inclinam sobre motores e máquinas e as fazem e entendem e explicam, até que à força de tanto explicar tudo se torna novamente um mistério. Não disseste que se tratava deste princípio e daquela potência? Não foi bonito e bem dito? Ninguém jamais poderá voltar a falar assim de correntes e potências, de magnetes e mecânicas e dos núcleos de todas as coisas.

Ninguém jamais voltará a falar assim dos elementos, do universo e de todos os astros..

Ninguém alguma vez assim falou da terra, da sua forma, das idades em que dividimos a sua existência. Nas tuas palavras tudo se tornava tão claro: os cristais, os vulcões e as cinzas, o gelo e o fogo das entranhas.

Ninguém falou assim dos homens, das suas condições de vida, da sua servidão, dos seus bens, das suas ideias, dos homens sobre esta terra, sobre uma terra anterior e uma outra que ainda há-de vir. Era acertado falar assim e reflectir tanto.

Nunca houve tanto encanto nos objectos como quando tu deles falavas, nem nunca houve palavras superiores àquelas. Graças a ti a língua também se pode revoltar, enlouquecer, tornar-se poderosa. Fazias tudo com as palavras e as frases, entendias-te com elas ou modificava-las, davas novos nomes às coisas, e os objectos, que não entendem palavras directas nem indirectas, quase passavam a mover-se sozinhos.

Ah, ninguém sabia jogar tão bem como vocês, seus monstros! Foram vocês que inventaram todos os jogos, jogos de números e jogos de palavras, jogos de sonhos e jogos de amor.

Nunca ninguém falou assim de si próprio. Quase tocando a verdade. De um modo mortífero. Curvado sobre a água, num abandono quase total. A escuridão já se espalhou pelo mundo e não posso pôr o meu colar de conchas.

Não vai surgir clareira alguma. Tu, que és outro entre os outros. Estou submersa sob as águas. Sob as águas.

E lá em cima anda alguém que odeia a água e odeia o verde e não compreende, não compreenderá nunca. Como eu nunca compreendi.

Quase emudecido,
quase ainda
ouvindo
o chamamento.

Vem. Uma vez só.
Vem.